

A AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E O CENÁRIO DA PANDEMIA COVID-19

Lara Ribeiro Alves

Licenciatura em Pedagogia Bilíngue (Libras-Português)

IFSC Câmpus Palhoça Bilíngue

E-mail: lararibeiro44@gmail.com¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo central refletir acerca da afetividade relacionada ao desenvolvimento infantil, no contexto da pandemia em virtude da Covid-19. Com isso, busca sugerir elementos que possam contribuir para a reflexão do educador perante seu fazer pedagógico, apresentando-lhe a importância da afetividade e as contribuições que a mesma pode trazer para o desenvolvimento da criança na educação infantil. A pesquisa realizada é de caráter qualitativo e bibliográfico. Para a efetivação do estudo foram escolhidos autores referência para a discussão do tema central, sendo eles: Jean Piaget, Lev Vygotsky e Henry Wallon. Além disso, tomou-se como base publicações normativas que regulam a Educação Infantil no Brasil. A partir do estudo elaborado, conclui-se que o período da infância é uma fase na qual ocorre o desenvolvimento integral da criança e, para isso, é necessário oferecer subsídios a fim de contemplar cada indivíduo, respeitando suas particularidades, principalmente no que se refere a aspectos afetivos e emocionais. Por outro lado, o contexto da pandemia Covid-19 exige, de pais e educadores, especial atenção para o cuidado afetivo da infância, além de reflexões acerca da reorganização dos espaços escolares para a inserção/reinserção das crianças após o período de restrições sanitárias.

Palavras-chave: Afetividade. Educação infantil. Desenvolvimento infantil. Contexto de pandemia.

1 Introdução

¹ Este artigo foi apresentado no dia 17/03/2021 como Trabalho de Conclusão de Curso e foi julgado adequado para a obtenção do título de “Licenciada em Pedagogia Bilíngue” pelo IFSC/PHB e aprovado pela seguinte comissão avaliadora: Profa. Esp. Ana Paula Jung, Profa. Dra. Eliana Cristina Bär (orientadoras) e Profa. Ma. Débora Casali, Profa. Dra. Silvana Nicoloso. Defesa remota por conta da Pandemia Coronavírus. Ata da defesa, com ciência e aceite por e-mail de todos os membros da banca e da acadêmica, arquivada no Registro Acadêmico do Campus.

Ao falar em educação escolar podemos abordar a temática a partir de diferentes perspectivas. No presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) pretendemos refletir acerca da presença da afetividade no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças na Educação Infantil. A questão central aqui apresentada surgiu após as experiências vivenciadas no decorrer das práticas de campo do Estágio Curricular Supervisionado I, voltado à etapa da Educação Infantil, que ocorreu no ano de 2019, durante a sexta fase do Curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue (Libras-português), do Câmpus Palhoça Bilíngue, do Instituto Federal de Santa Catarina. A partir da observação do trabalho desenvolvido por professoras do Centro de Educação Infantil (CEI), que recebeu parte dos acadêmicos estagiários naquela ocasião, percebemos algumas diferenças na forma como cada profissional desempenhava as ações inerentes à sua função: algumas demonstravam maior envolvimento afetivo com seu grupo de crianças, enquanto outras não.

Essa situação gerou uma espécie de “incômodo” na autora desta pesquisa que, ao observar as relações cotidianas entre professoras e crianças, passou a considerar a necessidade de pesquisar sobre a presença e a importância da afetividade nesta etapa do desenvolvimento das crianças pequenas. Nesse sentido, a partir da escolha do tema do presente trabalho, procuramos refletir acerca da importância da afetividade no desenvolvimento infantil em espaços escolares. Se, por um lado, esse é um dos aspectos mais relevantes dentre outros que estão relacionados ao desenvolvimento integral da criança na primeira infância, entendemos que é relevante também ponderar em que medida a falta de afetividade nesta etapa da vida impacta no desenvolvimento da criança.

Atualmente há relativo consenso social de que o cuidado com a criança no contexto da educação, é um dever de todos os segmentos e atores da sociedade. No que diz respeito à educação (seja ela no ambiente familiar ou no ambiente educacional), o artigo 205 da Constituição Federal já indica que este é um “direito de todos e dever do Estado e da família” e que “será promovida e incentivada com a colaboração da

sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988). Este dever se traduz na prática com a oferta de espaços educacionais voltados à especificidade das crianças em cada etapa do seu desenvolvimento, desde a educação infantil (creche e pré-escola), passando pelo ensino fundamental e chegando até o ensino médio, etapas que juntas compõem a educação básica no Brasil.

Para tornar o desenvolvimento deste estudo optamos pela metodologia de pesquisa qualitativa, por compreender que esta pode contribuir com a reflexão sobre a temática escolhida. Conforme Lara e Molina (2011) uma pesquisa qualitativa possui um cunho investigativo e se mostra de forma específica, possuindo características de traços comuns, a fim de descrever situações. As referidas autoras consideram, ainda, que essa abordagem se torna importante para fins de aprofundamento do assunto escolhido, facilitando o entendimento do mesmo.

Para o desenvolvimento desse artigo também foi preciso lançar mão das possibilidades de aprofundamento presente na pesquisa bibliográfica, especialmente dado seu caráter descritivo e referencial. Segundo Cervo (1983, p. 55 *apud* BELLIA, 2008, p. 21) a pesquisa bibliográfica “busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado tema ou problema.”

Buscamos desenvolver neste estudo a reflexão sobre o vivido, pautada em bases referenciais pré-existentes. Para isso, foram realizadas pesquisas bibliográficas que nos possibilitaram o encontro com leituras e perspectivas conceituais importantes à reflexão. Acreditamos, portanto, na importância de olhar para as diferentes concepções de infância e para como estas concepções se modificaram ao longo da história. Além desse destaque à forma como a infância vem sendo percebida pela sociedade, uma vez que a reflexão aqui proposta está especificamente ligada à etapa da educação infantil, propomos uma breve contextualização desta área no cenário brasileiro.

Nesse sentido, o texto está organizado em seis tópicos: num primeiro momento busca trazer um breve histórico da noção de infância; logo em seguida discute sobre

como é organizada a Educação Infantil no Brasil, trazendo elementos dos documentos norteadores; num terceiro momento apresenta-se uma breve explicação sobre o desenvolvimento infantil; no quarto tópico discute-se acerca da importância da afetividade no desenvolvimento infantil; no quinto tópico centraliza-se o pensamento de Wallon perante a importância da afetividade; e, no último, há uma breve contextualização sobre o impacto sobre o desenvolvimento das crianças no contexto do ensino remoto e da pandemia de Covid-19, bem como reflexões para que educadores e instituições promovam a inserção/reinserção das crianças em ambiente educacional.

2 A noção de infância: uma construção recente

Até meados do século XVII, a educação das crianças pequenas não tinha como objetivo o foco no desenvolvimento integral da criança, nos moldes que se observa nos dias de hoje (DOURADO, 2012). A formação da criança, nesse contexto, era de total responsabilidade da família, no seio da qual ela crescia e se desenvolvia observando e reproduzindo as tarefas que os adultos executavam.

Com a Revolução Industrial, iniciada no século XVIII, ocorrem algumas mudanças na estruturação das famílias, principalmente pelo fato de as mulheres assumirem postos de trabalho (DOURADO, 2012). Com essa nova realidade, viu-se a necessidade de ter um local onde as crianças pudessem ficar. Com isso, surgem as primeiras creches, que tinham como principal responsabilidade o cuidado, a higiene e o ensino do bom comportamento. Conforme afirma Dourado (2012, s. p.), as “creches são produto da revolução industrial”. Foram longos períodos até que as crianças pudessem ser compreendidas e respeitadas como sujeito de direitos. De acordo com Karnal (2016), foi somente a partir dos séculos XVIII e XIX, a partir dos esforços da igreja, da filosofia e da história da arte, que as crianças passaram a ser reconhecidas como sujeitos da infância.

No século XX a compreensão sobre a infância vai se aproximando da que temos na atualidade; de acordo com Karnal (2016), a partir dessa época as crianças e a infância passam a ser compreendidas em sua totalidade. Esta afirmação é potencializada quando observamos o lugar de destaque que a preocupação com a infância e seu pleno desenvolvimento ganham nos documentos norteadores das práticas pedagógicas. No caso do Brasil, a partir dos anos 1980 é perceptível a mudança de perspectiva, notada através das primeiras publicações sobre o tema. Dentre essas publicações merecem destaque a Constituição Federal de 1988, que afirma a educação pré-escolar como direito das famílias e dever do Estado, devendo ser integrada ao sistema de ensino; o Estatuto da Criança e do Adolescente, publicado em 1990; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), publicada em 1996; o Referencial Nacional Curricular para a Educação Infantil (RCNEI), publicado em 1998; as Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), publicada em 2010; além da Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil, publicada em 2017. Na mesma medida, as publicações acadêmicas relacionadas à educação infantil têm um aumento substancial a partir desta época, com destaque para as produções de Kramer (1982), Kuhlmann (1998), Galvão (1995). No próximo tópico, trataremos dos principais documentos norteadores da Educação Infantil.

2.1 A educação infantil no Brasil: dos documentos norteadores às práticas pedagógicas

A institucionalização do cuidado das crianças pequenas por meio do processo de escolarização é relativamente recente no contexto brasileiro, datando de meados da década de 1970. Neste sentido, Dourado (2012) ao abordar o tema, afirma que, no Brasil, a creche

[...] surge em função da crescente urbanização e estruturação do capitalismo e, com ele, a necessidade da mulher em ocupar o mercado de trabalho, desencadeando uma movimentação entre os operários pela reivindicação de um



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA
CAMPUS PALHOÇA BILÍNGUE

lugar para deixarem seus filhos. Os pequenos, que ficavam durante muitas horas distantes de suas mães precisavam ser cuidados. (DOURADO, 2012, s. p.).

Ao longo da década de 1980, há um avanço no que diz respeito às reflexões e às ações voltadas ao desenvolvimento das práticas na educação infantil. Percebemos que a atenção às etapas de desenvolvimento das crianças, bem como a promoção e os cuidados adequados com sua segurança e saúde, passaram a ocupar lugar de destaque inclusive nos documentos legais. A função da creche passou a ter novos significados, deixando aos poucos de ser apenas um local instituído para “guardar” as crianças, e passando a ser um lugar onde a mesma pudesse de fato se desenvolver em todos os aspectos: físicos, sociais, afetivos, emocionais e cognitivos (MOREIRA, 2014).

No ano de 1988, a Constituição Federal ampliou a oferta obrigatória das etapas da educação, incluindo a educação infantil neste contexto. Assim, a carta magna afirma, em seu artigo 208, inciso IV, que a educação, sendo dever do Estado, deverá ser garantida em creches e pré-escolas para crianças de zero a seis anos de idade (BRASIL, 1988). Passada quase uma década da publicação da Constituição Federal, no ano de 1994 é publicado pelo Ministério da Educação (MEC) o documento intitulado “Política Nacional de Educação Infantil”, considerado um avanço que veio para reforçar a importância da educação infantil e um reconhecimento do papel fundamental do educador nessa etapa.

No ano de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) é promulgada e a educação infantil passa a fazer parte da educação básica. Segundo a LDB (1996), em seu artigo 29, a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como objetivo proporcionar à criança o desenvolvimento global, estimulando o aprimoramento de seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, e integrando a ação participativa da família e da comunidade. Pouco tempo depois da publicação da LDB, no ano de 1998, ocorre a criação dos subsídios para credenciamento e o funcionamento das instituições de educação infantil que, segundo o site Nova Escola

(2007, s. p.) “tratam da importância da organização dos espaços na Educação Infantil para o desenvolvimento dos adultos e das crianças que neles convivem”.

Após a publicação desses documentos norteadores da oferta da educação infantil, apesar da continuidade das discussões e pesquisas sobre o tema no que se refere aos documentos legais, somente no ano de 2009 é que surgem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), que tem como objetivo auxiliar o planejamento curricular das escolas.

Mais recentemente, no ano de 2017, é publicada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é definida como “[...] um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica (BRASIL, 2017). A BNCC tem publicações específicas para cada etapa da educação básica: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. Em relação à etapa da educação infantil, é possível observar o destaque ao desenvolvimento das habilidades socioemocionais das crianças pequenas, aspecto no qual a afetividade emerge também como um fator importante. Sobre as habilidades socioemocionais, entendemos que:

se encaixam no conjunto de habilidades que desenvolvemos para lidar com nossas emoções durante os desafios cotidianos e estão ligadas à nossa capacidade de conhecer, conviver, trabalhar e ser. Ao se dedicar ao desenvolvimento dessas habilidades, o que se procura, através do gerenciamento de emoções, é proporcionar relações sociais saudáveis e investir na busca de soluções sadias para os problemas do dia a dia. (ZOOM Education, 2020, s. p.).

Ao considerarmos a existência de documentos norteadores que se dá na medida em que avançam também as discussões em relação ao campo, estes documentos servem tanto para guiar o professor e a escola nas suas práticas pedagógicas, como também se mostram como grandes propulsores para que a educação infantil tenha mais visibilidade, impulsionando e norteando práticas tangíveis para um trabalho coerente, visando desta forma respeitar e contribuir para o desenvolvimento infantil. Desta forma,

na próxima seção serão abordados alguns conceitos relacionados ao desenvolvimento infantil, no sentido de contribuir com a reflexão proposta no presente estudo.

2.2 O desenvolvimento infantil

Ao propor esta reflexão, é importante destacar que compreendemos o desenvolvimento infantil enquanto um conjunto de fatores que, apesar de ter padrões de acordo com a etapa da vida das crianças, deve ser analisado a partir da individualidade humana, que compreende o sujeito com suas particularidades. Assim, pensar no desenvolvimento das crianças pequenas na escola, demanda dos professores a compreensão de que cada indivíduo a partir do lugar que ocupa no mundo, na comunidade, na família, e de suas experiências e vivências prévias, esses são alguns dos primeiros pontos que o educador deve considerar ao preparar sua ação pedagógica. Neste sentido,

quando a criança chega à escola, traz consigo toda uma pré-história, construída a partir de suas vivências, grande parte delas por meio da atividade lúdica, sendo fundamental que os professores tenham conhecimento do saber que a criança construiu na interação com o ambiente familiar e sociocultural, para formular sua proposta pedagógica. (NEGRINE, 1994 *apud* SOUZA, 2015, s. p.).

O processo de desenvolvimento humano ocorre desde o momento da concepção e se estende praticamente ao longo de toda a vida, através de um processo constante de maturação. Especificamente em relação à infância, Souza e Veríssimo (2015) apontam alguns aspectos que podem influenciar positivamente ou negativamente neste processo: fatores da própria criança, o meio na qual está exposta e a relação que irá possuir entre seus pares. No último aspecto, reforçamos a importância do profissional que atua como professor na educação infantil, que precisa ponderar a respeito dos diferentes aspectos relacionados à vida e as características de

cada criança no momento de planejar e executar as ações pedagógicas voltadas aos pequenos.

Ao entender que a criança é um ser único e que seu desenvolvimento acontece por fases, é necessário respeitar o processo de cada um e estar atento aos sinais que possam servir de base para a elaboração de propostas que sirvam de apoio para contribuir num processo de desenvolvimento significativo. Concordamos com Fernandes ao afirmar que

Podemos observar quatro áreas no desenvolvimento de uma criança, as quais são: a física, a cognitiva, a emocional e a social. Essas áreas necessitam estar sintonizadas e precisam se desenvolver na mesma proporção. Uma criança que no dia a dia tem contato com livros, com a internet, com jogos de construção, mas que, ao mesmo tempo, não tem o hábito de frequentar *playgrounds*, praticar esportes e ter pequenas responsabilidades, como tomar banho ou vestir-se sozinha, indiscutivelmente terá uma área cognitiva prevalecendo sobre as outras. (FERNANDES, [s.d.], s. p.).

Ao pensar na questão do desenvolvimento a partir da compreensão que está relacionado aos aspectos físico, cognitivo, emocional e social, cabe a reflexão de que se houver uma preocupação do professor em estimulá-lo de forma conjunta, trará para a criança experiências e aprendizagens significativas. Neste sentido, a presença constante de uma atenção afetuosa por parte do professor pode estimular também nas crianças a expressão da afetividade, facilitando sua socialização e possibilitando experiências estimulantes no contexto escolar. Assim, adentramos ao próximo tópico, onde abordaremos a questão da afetividade propriamente dita.

3 A importância da afetividade no desenvolvimento infantil

De maneira bastante presente nos contextos escolares, nas rodas de professores e nas formações pedagógicas, debate-se muito sobre o tema da afetividade, tanto em relação às interações das crianças entre si, quando nos aspectos mais subjetivos relacionados ao seu desenvolvimento, especialmente daquelas que frequentam a

educação infantil. A concordância de todos em relação a esse tema, do quanto é importante para o desenvolvimento integral da criança, é inegável nestes contextos. Porém, apesar de ser um assunto que no espaço escolar possui uma grande visibilidade, muitas vezes ações e atitudes afetivas são negligenciadas e sua real importância para o pleno desenvolvimento dos pequenos é esquecida.

A afetividade muitas vezes é associada apenas com os atos de amor e carinho. No entanto, a afetividade está presente em outras formas de expressão do cotidiano. Ao buscar os significados atribuídos ao termo, encontramos no dicionário Michaelis (2015) três acepções: i) habilidade do ser humano em reagir imediatamente às emoções e sentimentos; ii) conjunto de fenômenos que se manifestam através das emoções e sentimentos; e, iii) qualidade ou caráter daquele que é afetivo. De fato, a palavra afetividade assume diferentes enfoques na vida e no desenvolvimento humano.

Sabendo disso, é essencial que o educador, ao assumir seu papel de mediador do processo de desenvolvimento de seus alunos, procure conhecer cada um de seus alunos de maneira sensível e atenta às suas especificidades, sejam elas quais forem. Se cabe ao educador estimular o desenvolvimento das crianças de forma integral, este deve ter consciência que será necessário fornecer subsídios para que os sentimentos e emoções de seus alunos possam ser expressos naturalmente, estabelecendo um território seguro às crianças, para que estas se sintam confiantes e assim constituam sua personalidade de forma mais equilibrada em relação às próprias emoções.

É principalmente na primeira infância que as crianças irão, de forma gradual, se desenvolver em relação a diferentes e importantes aspectos da vida, a fim de se tornarem sujeitos sociais. O estímulo para que as crianças possam vivenciar as relações afetivas desenvolvidas no ambiente escolar, possibilitará que elas se sintam à vontade para explorar o mundo a sua volta, em busca de construir novos saberes sobre si, sobre o outro, sobre o mundo. Este é um momento que demanda muito cuidado e atenção dos educadores e responsáveis, para que as crianças possam de forma efetiva construir relações de confiança.

As bases teóricas e conceituais que sustentam o debate e a reflexão a respeito do desenvolvimento infantil estão fortemente relacionadas a autores reconhecidos, tais como Jean Piaget (1896-1980), Lev Vygotsky (1896-1934) e Henry Wallon (1879-1962). E, a partir deles, muitos pesquisadores, inclusive brasileiros, vêm se debruçando a pensar sobre o potencial de desenvolvimento das crianças. Em suas pesquisas e produções, diferentes autores trazem à tona contribuições importantes e abordam questões relacionadas ao papel da afetividade nesse processo. Ao dialogar com alguns destes pensadores, é possível perceber que a afetividade é considerada um fator primordial para o desenvolvimento integral do indivíduo.

A teoria de Piaget, também chamada de Teoria do Desenvolvimento Cognitivo, apresenta uma proposta de definição das etapas pelas quais as crianças passam nos primeiros anos de vida. Segundo este pensador, o desenvolvimento da criança acontece em quatro fases distintas, sendo elas: sensório motor (0 a 2 anos); pré-operatório (2 a 7 anos); operacional concreto (8 a 12 anos) e operacional formal (a partir de 12 anos).

Apesar de ter se aprofundado em reflexões mais amplas sobre o desenvolvimento das crianças, no que tange à afetividade, Piaget também traz contribuições à nossa reflexão, especialmente quando ele afirma que a mesma não poderá se desprender da razão, pois apesar de serem termos distintos, as mesmas se integram, sendo uma complementar a outra. Souza (2011, p. 252) informa que Jean Piaget “apresentou por diversas vezes suas concepções sobre afetividade e sentimentos em suas relações com a evolução cognitiva, dos esquemas motores às operações formais, passando pelas representações pré-operatórias e operações concretas”. Em síntese, La Taille, Oliveira e Dantas (2016) explicam que para Piaget existe uma relação muito forte entre a afetividade e a razão no decorrer das etapas do desenvolvimento propostas pelo autor e que,

De fato, o dualismo afetividade/razão é fácil de ser compreendido quando os dois termos são entendidos como complementares: a afetividade seria a energia, o que move a ação, enquanto a Razão seria o que possibilitaria ao sujeito

identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações. (LA TAILLE; OLIVEIRA; DANTAS, 2016, p. 65-66)

Outro teórico do desenvolvimento infantil e que vem, ao longo das últimas décadas, ganhando cada vez mais força nos estudos deste campo, é Lev Vygotsky. Sua concepção teórica está pautada na inter-relação que se estabelece na convivência social, na imersão cultural, dentro de um contexto histórico específico. Em relação a afetividade, Vygotsky aborda questões relacionadas às emoções e, sua teoria, segundo Silva (2008)

[..] considerava que, no decorrer do desenvolvimento, as emoções vão se transformando, isto é, vão se afastando da origem biológica e se constituindo como fenômeno histórico-cultural. Essas mudanças qualitativas que ocorrem com as emoções ao longo do desenvolvimento dizem respeito ao aumento de controle do homem sobre si mesmo. A razão, o intelecto (desenvolvido graças ao crescente domínio de instrumentos culturais), tem a capacidade de controlar os impulsos e as emoções mais primitivas (auto-regulação do comportamento). (SILVA, 2008, p.136).

É válido ressaltar que ambos os autores, Piaget e Vygotsky, trouxeram importantes contribuições no que tange a aspectos relacionados à afetividade no desenvolvimento infantil. No entanto, observa-se que um terceiro pensador da educação tem ainda mais contribuições para trazer ao presente estudo. Em sua concepção teórica sobre o desenvolvimento na infância, Henri Wallon traz a afetividade como tema central dentro deste processo. Por esta razão, optamos por destacar aspectos sobre a afetividade na visão deste autor, cujas principais contribuições estão expressas no tópico a seguir.

3.1 O papel da afetividade no desenvolvimento infantil, segundo Henri Wallon

O papel da afetividade no desenvolvimento infantil a partir da teoria walloniana é um tema relevante e que deve ser discutido e analisado. Segundo Almeida (2008):

A posição de Wallon a respeito da importância da afetividade para o desenvolvimento da criança é bem definida. Em sua opinião, ela tem papel imprescindível no processo de desenvolvimento da personalidade e este, por sua vez, se constitui sob a alternância dos domínios funcionais. (ALMEIDA, 2008, p. 344).

Para Wallon a afetividade pode se expressar de três maneiras distintas, sendo elas através das emoções, sentimentos e da paixão. Salla (2011) traz brevemente a definição de cada uma dessas expressões, definindo assim: a emoção enquanto primeira expressão da afetividade e que apresenta fatores orgânicos e por este motivo não pode ser controlada pela razão; o sentimento, que apresenta uma característica mais cognitiva e por isso tem grande relação com as sensações; e, a paixão, cuja principal particularidade é expressa através do autocontrole.

Na concepção de Wallon, as emoções — e a afetividade — têm papel preponderante no desenvolvimento das crianças. Conforme afirma Souza (2011), em um estudo no qual analisa aproximações e distanciamentos de diferentes teorias do desenvolvimento, a abordagem proposta por Henri Wallon “[...] privilegia o aspecto afetivo, indicando seu papel estruturante no início da vida da criança. Para este autor, a emoção organiza a vida psíquica inicial e antecede as primeiras construções cognitivas” (p. 250). Ao abordar o desenvolvimento infantil, Wallon propõe a divisão deste em cinco etapas, sendo elas: impulsivo; emocional; personalista; adolescência e puberdade. Em relação a estas etapas, Almeida (2008) apresenta uma breve definição de cada uma.

O estágio impulsivo é marcado pelas expressões/reações generalizadas e indiferenciadas de bem-estar e mal-estar; o estágio emocional pela diferenciação das emoções – as reações ou atitudes de medo, cólera, alegria e tristeza; no estágio personalista e no da adolescência e puberdade, por outro lado, evidenciam-se reações sentimentais e passionais, sendo o sentimento mais marcante neste último estágio. (ALMEIDA, 2008, p. 348-349).

É perceptível que em algumas fases a manifestação da afetividade se sobressai perante as outras. Isso se dá, segundo Almeida (2008, p. 347), “a partir da ação de dois fatores: o orgânico e o social”. Ou seja, existem aspectos que são subjetivos do sujeito,

são internos e pessoais. Enquanto outros aspectos estão relacionados às experiências compartilhadas na convivência social. A criança, portanto, passa por processos distintos em cada etapa de desenvolvimento e de acordo com o contexto no qual está inserida, através de experiências diversas que contribuem para um pleno desenvolvimento. De acordo com Souza (2011), ao se observar a perspectiva de Wallon

é importante focalizar as interações entre sujeito e objetos, destacando dentre estes objetos, o outro que se emociona, e que permite a gênese das primeiras cognições e a construção dos conhecimentos pela criança. Trata-se então, de destacar os detalhes das interações sociais, as emoções que se expressam nas ações e nas palavras daqueles que delas participam, adultos e crianças. (SOUZA, 2011, p. 253).

A partir destas afirmações destacadas por Souza, podemos compreender a importância do outro na constituição do sujeito, através do contato afetivo, possibilitando a construção de importantes laços que propiciarão o desenvolvimento. Neste sentido, o professor que atua na educação infantil precisa estar atento e consciente do seu papel, tanto na mediação das relações entre as crianças, quanto na sua própria forma de se colocar afetivamente frente às situações cotidianas do ambiente escolar.

3.2 Impactos da Pandemia de Covid-19 e a importância do professor na manutenção dos vínculos afetivos das crianças da educação infantil

O presente estudo se desenvolveu num momento no qual o planeta está vivendo os efeitos da pandemia do coronavírus (SARS-CoV-2), vírus causador da Covid-19, por isso, torna-se crucial pensar na questão da afetividade e de como traduzi-la em estratégias e práticas para o retorno das atividades nas creches e nas escolas de educação infantil. Não é possível saber se de fato o retorno se dará no pós-pandemia da mesma forma como era antes, ou se será necessária uma reestruturação para este retorno. No entanto, é importante desde já pensar em estratégias para o

desenvolvimento em planos de ação pedagógica tangíveis, para que o atendimento das crianças pequenas ocorra de forma segura e humanizada.

Ao refletir acerca das estratégias que deverão ser elaboradas, é necessário que haja um olhar sensibilizado para o planejamento das ações pedagógicas voltadas ao público da educação infantil, haja vista que as crianças da creche e educação infantil carecem de maior atenção e cuidado. Partindo desse contexto, é importante relembrar os conceitos do cuidar, do educar e do brincar na educação infantil, que são elementos indissociáveis e importantes para o pleno desenvolvimento da criança.

O Cuidar, Educar e Brincar na Educação Infantil é de fundamental importância e pode contribuir significativamente para a construção de conhecimentos e desenvolvimento das potencialidades e capacidades da criança, pois é notório que a criança é um ser que está em constante desenvolvimento, mas que deve ser estimulada a fim de adquirir seu pleno desenvolvimento. (FRANÇA, 2018, s. p.).

As crianças são sujeitos que se constituem a partir das experiências, cabe ao educador juntamente com a família, acompanhar de maneira efetiva essa fase, o que irá demandar muito mais atenção. A escuta ativa e o acolhimento são chaves cruciais para conseguir desenvolver um trabalho de forma efetiva. Nesse caso, o educador precisa estar atento aos sinais apresentados pelas crianças, para que possa elaborar seu planejamento pautado no que cada criança vier a apresentar. Conforme afirma Maria Beatriz Linhares em entrevista para o Portal Aprendiz:

Por conta das incertezas trazidas pela pandemia há uma irregularidade na rotina. As crianças sentem e reagem a isso, mas não têm um repertório de enfrentamento para lidar com essas adversidades. É aqui que o cuidador vai ser fundamental para desenvolver interações e relações afetivas”, diz a especialista em psicologia infantil. (PORTAL APRENDIZ, 2020, s. p.).

Os professores da educação infantil precisam ter essa consciência, do quanto suas ações pedagógicas podem contribuir para amenizar os efeitos nocivos da pandemia, dentro os quais a impossibilidade de socialização das crianças no espaço

escolar tem sido apontada como um dos mais importantes para a criança pequena.

O momento de retorno às atividades certamente também será desafiador. A partir dessas considerações, no que tange ao acolhimento humanizado, ocorrerá principalmente pelas atitudes do professor, e assim as crianças serão de fato (re)inseridas na escola. As ações pautadas no estímulo e na valorização da afetividade nas relações sociais da escola tem grande potencial para contribuir com o retorno humanizado. Em relação à família, por outro lado, será fundamental transparecer confiança à criança, para assim se reinserir no ambiente escolar.

No contexto posto, famílias e escola precisam fortalecer ainda mais os laços de parceria e confiança que estabelecem entre si. Neste sentido, sendo o professor a figura capaz de consolidar as pontes que ligam todas as partes envolvidas, também precisamos lembrar de que, além de pensar em estratégias plausíveis para o acolhimento das crianças na educação infantil, é importante ressaltar as condições nas quais se encontra o educador em relação às suas próprias emoções.

Excesso e sobrecarga de trabalho têm sido constantemente relatados por professores e professoras, nestes tempos de pandemia. Além disso, o adoecimento dos profissionais da educação, mesmo em tempos normais, tem sido um fator de grande preocupação, onde o adoecimento psicológico e emocional vem aumentando significativamente nas últimas décadas. Segundo Stock (2020) é necessário que a escola não abandone sua equipe e que haja espaço de trocas e escuta ativa, a fim de captar todos os anseios de seus colaboradores. Neste sentido, as equipes gestoras também têm um papel fundamental, pois deverão manter-se atentas aos professores, às crianças e às famílias, oferecendo o suporte necessário a todos frente a tantas incertezas que o momento impõe à sociedade.

Considerações Finais

O presente artigo teve por objetivo refletir acerca da importância da afetividade para o desenvolvimento integral da criança pequena em ambiente escolar. A temática mostrou-se relevante também no que se refere às contingências sociais e educacionais postas às crianças em virtude da pandemia da Covid-19.

Diante das leituras realizadas, compreendemos que o período da infância é uma fase que permeia o desenvolvimento dos aspectos físicos, motores, emocionais e cognitivos, e, por este motivo, requer estrutura e subsídios para o pleno desenvolvimento da criança. Por esta linha de pensamento, enfatizamos a afetividade dentre os mecanismos basilares do desenvolvimento infantil, ressaltando principalmente as contribuições de Henri Wallon. O autor chama a atenção para a afetividade como um sistema de emoções, sejam estas positivas ou negativas, como atuam em todas as etapas do desenvolvimento infantil.

É notável, portanto, que a presença da afetividade nas relações estabelecidas entre adultos e crianças é muito importante para o desenvolvimento infantil. E para que o desenvolvimento das crianças aconteça com mais qualidade, é necessário entender a criança de forma integral, propiciando um ambiente de trocas afetivas capazes de proporcionar o desenvolvimento em toda sua potencialidade. O atual cenário da pandemia de Covid-19 impõe aos profissionais da educação ainda mais atenção às ações pedagógicas, principalmente na busca por caminhos possíveis para suprir o distanciamento necessário à contenção do contágio. Por outro lado, é preciso refletir e planejar sobre as ações futuras, voltadas à efetivação de um retorno humanizado, onde seja possível estimular da melhor forma o pleno desenvolvimento infantil. Além disso, faz-se fundamental também a compreensão dos aspectos inerentes à constituição das subjetividades na infância, e da forma como as emoções atuam nesse contexto, para a preparação de ambientes educativos que possibilitem o acolhimento das crianças e infância e sua inserção/reinserção nos espaços educacionais.

O presente artigo foi elaborado no contexto da pandemia Covid-19 que, dentre outras questões, impediu a atuação presencial em contextos escolares e o desenvolvimento de uma pesquisa de campo. Nessa medida, sugere-se que pesquisas futuras promovam o levantamento de dados em instituições de educação infantil, a fim de analisar e refletir sobre os aspectos da afetividade do atual cenário de pandemia.

Referências

- ALMEIDA, A. R. S. A afetividade no desenvolvimento da criança. Contribuições de Henri Wallon. **Revista Inter Ação**, v. 33, n. 2, p. 343-357, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/5271>. Acesso em: 14 fev. 2021.
- BELLIA, R. A. C. L. **Material Didático**: falando sobre pesquisa. Londrina: Secretaria do Estado da Educação do Paraná; UEL, 2008. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/md_neide_regina_usso_barreto.pdf. Acesso em: 15 dez. 2020.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é base. Brasília, DF: MEC, 2017,
- BRASIL, **Constituição** da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10 nov. 2020.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. Brasília, MEC, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 18 jan. 2021.
- DOURADO, J. R. **Breve histórico da educação infantil**. Pedagogia ao Pé da Letra, 2012. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/breve-historico-da-educacao-infantil/>. Acesso em: 18 jan. 2021.
- FERNANDES, V. L. **O desenvolvimento da criança na Educação Infantil**. São Paulo, Objetivo, [s. d.]. Disponível em: <https://www.objetivo.br/conteudo.asp?ref=cont&id=852>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- FRANÇA, S. dos S. **A importância do cuidar, educar e brincar para o desenvolvimento da criança na educação infantil**. [S. l.], Faculdade Campos Elísios, 2018. Disponível em: <https://fce.edu.br/blog/a-importancia-do-cuidar-educar-e-brincar-para-o-desenvolvimento-da-crianca-na-educacao-infantil/>. Acesso em: 14 jan. 2021.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA
CAMPUS PALHOÇA BILÍNGUE

GALVÃO, Isabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

KARNAL, L. **Karnal: não existiam crianças antes do século XX**. 1 vídeo (2m58s). [S. l.: s. n.], 2016. Publicado pelo Canal Band Jornalismo. Disponível em: <https://youtu.be/7muGDWakY90>. Acesso em: 15 fev. 2021.

KUHLMANN JR., Moysés. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

KRAMER, Sonia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K. de; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. 27 ed. São Paulo: Summus, 2016.

LARA, A. M. B.; MOLINA, A. A. Pesquisa Qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias. *In*: TOLEDO, Cezar de Alencar Arnaut de; GONZAGA, Maria Teresa Claro (orgs.). **Metodologia e Técnicas de Pesquisa nas Áreas de Ciências Humanas**. Maringá: Eduem, 2011. p. 121-172.

MICHAELIS: **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2021. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>.

MOREIRA, Camila. **Creche: direito da mãe trabalhadora ou direito da criança?** **Jus Brasil**, 2014. Disponível em: <https://cmoreira2.jusbrasil.com.br/artigos/112347105/creche-direito-da-mae-trabalhadora-ou-direito-da-crianca>. Acesso em: 26 mar. 2021.

NOVA ESCOLA. **Normas oficiais sobre Educação Infantil**. [S. l.], Nova Escola, 2007. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/2898/normas-oficiais-sobre-educacao-infantil#:~:text=Os%20Subs%C3%ADdios%20para%20Credenciamento%20e,das%20crian%C3%A7as%20que%20neles%20convivem>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2021
PERSPECTIVAS para o retorno na educação infantil - Bianca Stock. 1 vídeo (59m52s). Publicado pelo canal Paulo Sergio Fochi. Disponível em: <https://youtu.be/X6tXI-Q-ao>. Acesso em: 20 jan. 2021.

PORTAL APRENDIZ. **O impacto da pandemia no desenvolvimento infantil**. Portal Aprendiz, 22 jul. 2020. Disponível em: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2020/07/22/o-impacto-da-pandemia-desenvolvimento-infantil/>. Acesso em: 29 set. 2020.

SALLA, Fernanda. **O conceito de afetividade de Henri Wallon**. **Nova Escola**, São Paulo, 01 out. 2011. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/264/0-conceito-de-afetividade-de-henri-wallon>. Acesso em: 26 mar. 2021.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA
CAMPUS PALHOÇA BILÍNGUE

SILVA, E. R. As relações entre cognição e afetividade em LA: a influência de Vygotsky nessa abordagem temática. **SOLETRAS**, São Gonçalo: UERJ, ano VIII, n. 15, p. 133-140, jan./jun. 2008.

SOUZA, J. M. de; VERÍSSIMO, M. de L. Ó R. Desenvolvimento infantil: análise de um novo conceito. **Revista latino-americana de enfermagem**, v. 23, n. 6, p. 1097-1104, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-1169.0462.2654>.

SOUZA, M. T. C. C. de. As relações entre afetividade e inteligência no desenvolvimento psicológico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 27, n. 2, p. 249-254, abr.-jun. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v27n2/a05v27n2.pdf>. Acesso em: 27 de fevereiro. 2021.

ZOOM Education. **O que são competências Socioemocionais?**. São Paulo, 3 jun. 2020. Disponível em: <https://zoom.education/blog/competencias-socioemocionais/#:~:text=As%20compet%C3%AAs%20socioemocionais%20se%20encaixam,%2C%20conviver%2C%20trabalhar%20e%20ser>. Acesso em: 28 fev. 2021.

ZOOM Education. Os estágios do desenvolvimento cognitivo. São Paulo, 15 fev. 2018. Disponível em: <http://blog.zoom.education/2018/02/os-estagios-do-desenvolvimento-cognitivo/> Acesso em: 27 fev. 2021.